

APRENDIZAGEM NA CIBERCULTURA POR MEIO DE E PARA O AUDIOVISUAL

LEARNING IN CYBERCULTURE BY MEANS OF AND TO AUDIOVISUAL

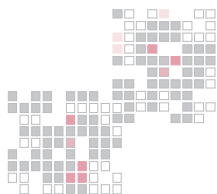
*APRENDIZAJE EN LA CIBERCULTURA MEDIANTE Y PARA EL
AUDIOVISUAL*

Suyanne Tolentino de Souza

■ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR - (2014). Mestrado Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2002). Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo, PUCPR (1996).

Atualmente é professora da PUCPR no curso de Jornalismo e atua como roteiristas de vídeos no campo da Comunicação e Educação. Pesquisadora dos seguintes temas: comunicação e educação, mídia audiovisual, cibercultura.

■ E-mail: suyanne.souza@pucpr.br.



RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo entender como o audiovisual pode contribuir para a aprendizagem do aluno e quais são as características narrativas que facilitam esse processo. Buscou-se compreender como os estudantes do ensino superior utilizam os vídeos, em seus diferentes gêneros, e quais aspectos são relevantes para a aprendizagem no contexto da cibercultura. A pesquisa, qualitativa, foi realizada por meio de grupo focal e as aplicações do vídeo no processo de ensino-aprendizagem levantadas foram divididas em duas fases: a que surgiu baseada na técnica inserida no contexto analógico e a que se dá sob o influxo da tecnologia digital.

PPALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO; CIBERCULTURA; APRENDIZAGEM; AUDIOVISUAL.

ABSTRACT

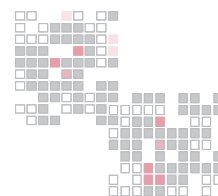
This research aims to understand how audiovisual can contribute to student learning and what narrative characteristics facilitate this process. The study pursued to understand how the Undergraduate Students used videos, of all categories, and what aspects are relevant for the learning process in the context of cyberculture. This qualitative research was performed with a focus group and the uses of video in the teaching-learning process. The ascertained information was divided into two phases: the one that emerged based on the technique in the analogical context and that which occurs under the influence of digital technology.

KEYWORDS: COMMUNICATION AND EDUCATION; CYBERCULTURE; LEARNING; AUDIOVISUAL.

RESUMEN

La presente investigación tiene por objetivo comprender como el audiovisual puede contribuir para la aprendizaje del alumno y cuales las características de narrativa facilitan ese proceso. Se buscó entender como los estudiantes de enseñanza superior utilizan los vídeos, en sus distintos géneros, y cuales los aspectos son relevantes para el aprendizaje en el contexto de la cibercultura. La investigación, cualitativa, se ha realizado por intermedio de un grupo focal y las aplicaciones del video en el proceso de enseñanza-aprendizaje señaladas se han dividido en dos fases: la que surgió basada en el entorno analógico y la que se da bajo el influjo de la tecnología digital.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN Y EDUCACIÓN; CIBERCULTURA; APRENDIZAJE; AUDIOVISUAL.



1. Introdução¹

Observa-se nos últimos anos um processo de inserção de tecnologias da informação e da comunicação em diferentes situações educacionais. Com a utilização das mídias digitais e o uso das redes para o desenvolvimento de atividades educativas, as Ciências da Comunicação e da Educação se aproximam ainda mais, e constroem um campo de inter-relação entre essas áreas do conhecimento (Soares, 2011; Souza, 2014).

Entende-se Comunicação e Educação como um novo campo do conhecimento, que se alinha nas duas ciências e que não retira suas especificidades. Soares (2002) traz duas possibilidades para identificar essa relação: a da interdiscursividade, que se caracteriza pela conformação de um novo campo, o qual se individualiza pela procura de um discurso transversal que integre a Comunicação e a Educação; e a segunda possibilidade se refere à relação de interface, que defende a tese de dois campos historicamente construídos e definidos que podem se aproximar, mas não interagir.

No presente artigo, considero que a Educação e a Comunicação estão entrelaçadas, em um processo de interdiscursividade e que fazem parte da cultura e da prática social contemporânea. Entendo que não é mais tempo de se ater em interface, mas de realmente ocupar lugares comuns, dando espaço à comunicação educativa. As interações sociais são objeto de estudo das duas ciências e são a essência de ambas.

Nesse sentido, observa-se novos desafios no processo de ensino e aprendizagem, que vão desde a inserção dos professores no universo digital, sua formação para melhor utilização das tecnologias e de novas linguagens, até o próprio papel do estudante na construção do seu conhecimento como ser ativo neste caminho, tornando-se participante, usuário, coautor de todo o desen-

volvimento educativo.

Nesse cenário educacional, as mídias audiovisuais, em específico o vídeo, objeto de estudo da presente pesquisa, ocupa lugar de destaque. Conteúdos audiovisuais, ao longo dos anos, têm sido uma ferramenta importante na transmissão, complementação e fixação de conteúdos em diversas áreas do conhecimento. A possibilidade de propagação dessas mídias, principalmente via YouTube, a maior plataforma para publicação e visualização de vídeos online do mundo e gerenciada pela Google, vem sendo amplamente aproveitada por professores e educandos e mudando o conceito desse uso. É neste cenário que a investigação aqui apresentada se pauta e traz como problema as seguintes questões: **como a utilização de vídeos pode contribuir para o processo de aprendizagem do estudante universitário? Quais características essas mídias têm que apresentar para que sejam efetivas nesse processo?**

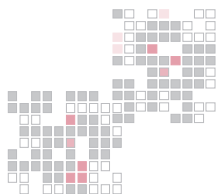
A presente pesquisa de abordagem qualitativa traz o resultado de um processo investigativo realizado com estudantes universitários. Com uma entrevista do tipo grupo focal, o objetivo foi entender como o vídeo pode contribuir para a aprendizagem do aluno e quais características de narrativa facilitam essa aprendizagem.

Dos resultados obtidos é possível afirmar que o uso dos vídeos complementa e ajuda a ampliar o conhecimento dos estudantes e que o contexto da cibercultura facilita essa busca. A mídia audiovisual faz parte do cotidiano....

2. Cenário sobre a aprendizagem mediada pela tecnologia

A aprendizagem mediada pela tecnologia é marcada por particularidades ao longo do tempo, tanto na modalidade presencial quanto no ensino a distância. Essas características de cada período de época são determinadas pelo aparato tecnológico disponível, bem como pelo paradig-

¹Artigo produzido a partir de recorte da pesquisa de doutorado da autora, defendida no ano de 2014 na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), em Curitiba (Souza, 2014).



ma dominante em cada momento histórico. Para Souza (2014) o uso da tecnologia para aprendizagem está sendo dividido em duas fases: a que surgiu baseada na técnica inserida no contexto analógico e a que se dá sob o influxo da tecnologia digital.

O enfoque técnico está ancorado em uma abordagem tradicional de ensino-aprendizagem em que o papel do professor é transmitir o conteúdo por mídias estáticas, como o jornal, a revista, o rádio e a televisão. O conteúdo envolvido no processo da educação/comunicação passa por processos racionais, o aluno-receptor é passivo e o professor assegura a transmissão

desse conhecimento.

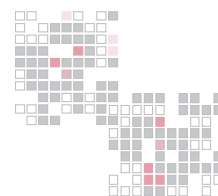
O enfoque do influxo digital é aberto e faz parte de uma concepção inovadora de aprendizagem, que está em construção. O professor é um mediador da aprendizagem e está aberto às tramas da conexão social, ou seja, nada acontece isoladamente, o processo se dá por meio de conversação. O conteúdo envolvido no processo educação/comunicação estimula a participação do aluno, que é um ser ativo no processo.

O quadro abaixo traz uma síntese das particularidades apresentadas nos enfoques estabelecidos neste estudo, mostrando a relação aprendizagem mediada pela tecnologia nesses dois contextos.

Quadro 1 - Aprendizagem mediada pela tecnologia

	Enfoque técnico	Enfoque influxo digital
Concepção de educação	Abordagem tradicional	Abordagem inovadora
Papel do professor	Emissor de conteúdo	Mediador da aprendizagem
Forma de Ensino	Predeterminada, sistematizada	Aberta, em construção
Tipos de Mídia	Jornal, revista, rádio, televisão	Multimídia, Hipermídia
Concepção da mídia	Tradicional, participação restrita	Atuam de forma interativa
Linguagem de mídia	Linear	Transmídia, storytelling
Processo Educação/ Comunicação	Processos racionais	Processos que estimulam a participação, criatividade
Conteúdo	Informações prontas, estagnadas.	Mix personalizado de informações em constante mutação – troca
Receptor	Passivo	Ativo
Relação receptor e o meio	Unilateral, predeterminada	Variedade de fluxos não indexados
Emissor	Assegura a transmissão de conhecimento	Aberto às tramas da conexão social
Relação emissor/meio	Transferência de conteúdo	Fluxo aberto e coletivo
Relação emissor/receptor	Preparação, instrução	Movimento de fluxo

Fonte: Própria autora



Observa-se dessa forma que os diferentes enfoques trazem suas singularidades, que são determinadas tanto pela questão paradigmática como pelas disponibilidades tecnológicas. Neste sentido, destaca-se a mídia audiovisual, objeto de estudo da presente pesquisa.

3. Mídia audiovisual – conceito e apontamentos

A contextualização da aprendizagem mediada pela tecnologia inserida no influxo digital apresenta características concretas no ensino e na aprendizagem presencial e a distância. Envolve professores e alunos em seus diferentes relacionamentos de emissão e compartilhamento de conteúdos, que se intensificam pela combinação de linguagens e meios que sofreram mudanças significativas com o decorrer do tempo.

A terminologia “audiovisual”, segundo Ferrés (1998), aponta que existe um equívoco que se dá a princípio pela palavra ser composta e também por ser usada como sinônimo das técnicas e métodos informativos, documentários ou didáticos, nos quais se utilizam elementos auditivos e visuais. Para o autor, aplica-se o termo também “aos trabalhos que concretizam estes métodos: slides, filmes, bem como aos materiais que lhe servem como apoio: o disco, a fita magnética, o filme...” (Ferrés, 1998, p.128). Ainda segundo ele, há importância de distinguir entre o audiovisual como meio ou recurso tecnológico e o audiovisual como forma diferenciada de expressão, pois existem reducionismos quanto ao termo. Afirma também que as possibilidades didáticas do audiovisual são mais amplas que a do vídeo.

A terminologia “vídeo” é muitas vezes utilizada e entendida como sinônimo de audiovisual, ou de mídia audiovisual. Machado (1988) define que o termo “vídeo” envolve um conjunto de elementos significativos como o videogame, videoarte, videotextos, videopoesias, sendo um instrumento que estimula todos os sentidos. Apresenta como característica marcante a mistura de linguagens

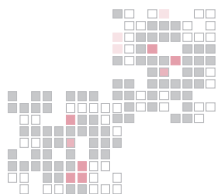
e gêneros que envolvem signos sonoros, visuais, verbais, táteis, cinéticos, transformando o visor do vídeo num espaço sensorio.

Na definição de Moran (1995), o vídeo significa “uma forma de contar metalinguística”, que abrange uma superposição de códigos e significações que são predominantemente audiovisuais; na época afirmava que este ainda se encontrava distante da linguagem educacional e estava mais próximo do discurso verbal-escrito.

Em relação à própria nomenclatura do vídeo utilizado para fins escolares, Gomes (2008) lembra que existem termos concorrentes e enumera: vídeo educativo, vídeo didático, vídeo instrucional, vídeo educacional. Aponta, por exemplo, que um vídeo instrucional é diferente de um vídeo educativo, embora as nomenclaturas mencionadas possam aparecer como sinônimo.

Ferrés (1998), embora afirme que não se pode pensar em uma sistematização quanto à nomenclatura e utilização que seja definitiva, propõe o que intitula de uma intenção de sistematização, entendida como “enunciação e estruturação” de algumas possibilidades de uso claramente diversificadas. Nomeia seis modalidades de uso do vídeo, divididas em: videolição, videoapoio, videoprocesso, programa motivador, programa monoconceitual e vídeo interativo.

Segundo a conceituação de Ferrés (1988, p.34-2), o videolição é a exposição sistematizada de conteúdos que são tratados com certa exatidão. Seria o equivalente a uma aula expositiva, porém apresentada por meio do recurso audiovisual. O videoapoio é equivalente a um dispositivo de apoio em que seu uso didático estabelece uma interação entre o vídeo e a fala do professor. O videoprocesso é uma dinâmica em que os alunos são criadores, sujeitos ativos do processo na criação ou investigação de mídias. O programa motivador pode ser definido como um programa audiovisual em suporte de vídeo destinado fundamentalmente a suscitar um trabalho posterior



ao visionado. O programa monoconceitual são programas muito breves, normalmente mudos e que acontecem de uma maneira intuitiva apresentando um só conceito ou um aspecto parcial de um tema. E o videointerativo é o encontro entre o vídeo e a informática que se caracteriza pela bidirecionalidade, “possibilitando um diálogo aberto entre o homem e a máquina” (p.41).

Percebe-se que a nomenclatura exposta por Ferrés é importante e contribui para a identificação do vídeo não como tecnologia, mas como linguagem de expressão, uma forma diferenciada de processamento de informação. No entanto, percebe-se que a nomenclatura acima exposta às vezes traz situações de linguagem e outras de utilização.

A mídia audiovisual na presente pesquisa, entendida e tratada como sinônimo de vídeo, hoje faz parte de uma cultura que está inserida tanto dentro quanto fora das escolas e universidades, em que conhecimento formal e informal se misturam, em que as modalidades de ensino se aproximam. Durante muito tempo, o termo audiovisual e vídeo foram vistos também apenas como sinônimo de televisão, sendo que o meio e a programação se confundiam prevalecendo conceitos negativos quanto ao meio.

Na presente pesquisa entendo a necessidade desta distinção e percebo a evolução e as experimentações pelas quais o veículo televisão passou ao longo dos anos em sua utilização externa e também na educação, tanto quando estudada no viés do meio como da programação.

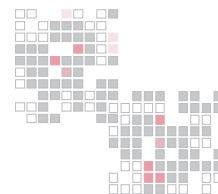
As primeiras transmissões em rede aberta de televisão, por exemplo, foram marcadas pela ousadia de Assis Chateaubriand, que mesmo tendo realizado pesquisa para saber sobre a viabilidade da implantação da televisão no Brasil e tendo uma resposta negativa importou cerca de 200 aparelhos televisores e deu início à TV Tupi. Posteriormente, novas emissoras foram surgindo, como Globo, Record e Bandeirantes. Portanto, é

inegável o poder da televisão hoje no Brasil e no mundo, tanto em termos econômicos como social, ou seja, ela já faz parte da cultura da população. Para Machado (1988, p.11), “já é tempo, portanto, de virar o disco dos discursos sociológicos sobre o poder da televisão e começar a encarar a mídia eletrônica como fato da cultura, capaz de exprimir com eloquência a complexidade e contradições de nosso tempo”.

Bordenave traça um perfil histórico das experiências da teleducação e a coloca como qualquer forma mediatizada de educação, não sendo esta apenas educação por televisão. Para Bordenave (1987, p.55-70), dentre as muitas experiências de educação a distância, formais e não formais, levadas a cabo no Brasil, algumas se destacaram por seu alcance massivo e outras por suas inovações pedagógicas.

Aproveita-se para esclarecer também que não se pode falar apenas em televisão e pensá-la como um simples aparelho doméstico, mas que o ideal neste momento é a utilização da nomenclatura “mídia audiovisual”, “audiovisual” ou “vídeo”, pois sua veiculação aqui está sendo estudada em diferentes suportes. Portanto, a ênfase não está no meio físico, embora envolva sua dimensão cultural, já estabelecida, a seleção ou produção por parte da emissão, que se estabelece em fluxo com a recepção em processos de troca e na linguagem que precisa ser utilizada no processo de aprendizagem.

Nesta pesquisa, considero que o meio físico televisão apresenta características diferentes dos veículos impressos e também do rádio, por exemplo. Portanto, considera-se que todas essas mídias estão na “barriga híbrida da internet” (Santaella, 2010, p.117). Estão juntas e também ligadas a outras mídias. Entendo que sendo assistida na web via computador, tablet, dispositivos móveis, esta não deixa de ser mídia audiovisual, mas passa a ter características ampliadas, que convergem com outras mídias.



As plataformas que possibilitam o compartilhamento de vídeos, como, por exemplo, o YouTube, ampliaram o repositório de conteúdo livre disponível e passaram a estimular professores e alunos, permitindo o trânsito de livres informações, no que diz respeito a produção e armazenamento de conhecimento.

Ao longo dos estudos realizados para essa e outras pesquisas, observo que as mídias audiovisuais, quanto ao gênero e formatações, como são elaborados para estes diferentes dispositivos de visualização se apresentam em processos de avanços. Ou seja, em um primeiro momento tivemos a simples transposição de mídias, o que estava no livro impresso, por exemplo, passava para o digital, ou a aula que era presencial era gravada para ser veiculada na televisão. Essas mudanças possibilitadas por novos estudos na área e pelos avanços da tecnologia digital, só vêm a contribuir para a consolidação da aprendizagem no ciberespaço por meio da utilização de audiovisuais em tempos de convergências de mídia, em uma cultura midiática educativa que aproxima ainda mais o campo da Educação e o da Comunicação.

Delimitar, ou mesmo identificar, de que maneira vídeos, imagens, gravações e demais materiais audiovisuais disponibilizados no ciberespaço interferem na aprendizagem desse aluno só é possível com o diálogo e com o uso de uma técnica em que ele próprio possa se expressar de maneira direta.

Elegi como fontes de dados na pesquisa de campo: 26 alunos e um conjunto de documentos em vídeo. Quanto aos alunos, foram selecionados em diferentes escolas de uma universidade, totalizando três grupos. Os alunos que participaram da pesquisa foram previamente convidados para fazer parte do corpus do estudo, assim se disponibilizaram a participar voluntariamente da pesquisa.

A constituição de cada um desses grupos obedeceu aos seguintes critérios: os estudantes deviam pertencer aos cursos ligados às áreas e Comunicação ou Artes e estar regularmente matriculados e frequentando as aulas presencialmente. Buscou-se indicação de professores das diferentes escolas pesquisadas sobre o perfil dos alunos apontados para participar do grupo. A ideia era trazer diferentes perfis de alunos que utilizassem as mídias audiovisuais da seguinte forma: usuários frequentes, usuários pouco frequentes e não usuários.

A técnica se constituía da seguinte maneira: amostras de 10 minutos de três diferentes vídeos, com formatos distintos (documentário, entrevista e debate) relacionados à área de conhecimento

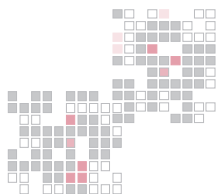
4. Pesquisa e descrição da análise de dados

A presente pesquisa qualitativa adota o grupo focal como técnica de investigação para perceber como se dá a recepção de trabalhos audiovisuais no processo de aprendizagem do estudante uni-

Quadro 2 - Questionário base para grupo focal

O material a que você teve acesso auxiliou o seu processo de aprendizagem? Por que?
Você gostaria de ter maior acesso a materiais como esse durante seu processo de aprendizagem?
Você procura materiais como esse enquanto estuda? Por que?
Em que locais (plataformas, sites...) você busca materiais como esse? Por que?
Você possui professores que apresentam, em suas aulas, materiais como esse?
Quais são as suas considerações sobre a qualidade do material? Você faria alguma alteração? Por que?
Qual dos três vídeos você acha melhor? Por que?

Fonte: Própria autora.



de cada grupo, foram apresentadas aos alunos. Após a apresentação, dava-se início ao diálogo orientado pelas perguntas do quadro 2.

Para elaboração do roteiro, busquei focar no objetivo da entrevista, elaborando questões que foram levadas para discussão com os diferentes grupos. Porém, é importante ressaltar que esse guia não foi utilizado como uma lista de perguntas, e sim serviu de condução para a moderação da entrevista. Durante o processo surgiram outras questões que foram abordadas conforme o andamento da conversa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com autorização e consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas.

Os vídeos selecionados como fontes de dados, apresentados durante o grupo focal, foram selecionados na plataforma YouTube e em sites destinados à educação. Os critérios de escolha destas mídias foram estabelecidos da seguinte forma: deveriam apresentar diferentes gêneros audiovisuais (documentário, entrevista, debate) não ficcionais e conter argumentações ou opiniões de estudiosos e teóricos de cada área.

Na entrevista do tipo grupo focal realizada com os alunos, os parâmetros iniciais estabelecidos para análise temática são:

Quadro 3 - Parâmetros para análise do grupo focal

[1] Processo de aprendizagem
[2] Compreensão sobre o formato, natureza dos vídeos usados
[3] Análise de utilização – métodos de busca, fontes de busca
[4] Análise dos tipos de Conteúdo dos vídeos – qualidade do material

Fonte: Própria autora.

Após a transcrição e pré-análise do material, para critério de análise (Bardin, 2011), os textos permaneceram nos mesmos parâmetros, acima apresentados, que foram considerados significativos quando se formulou as perguntas para realização do grupo focal.

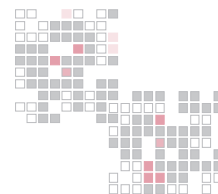
5. Resposta dos alunos – interpretação dos dados e resultados

Para compor o primeiro grupo focal, foram convidados 12 alunos do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Escola de Comunicação e Artes; apenas seis alunos compareceram para participar da dinâmica. Foram apresentados aos alunos os vídeos previamente selecionados para esse grupo específico: entrevista com Arlindo Machado produzida pela Sonhar TV; O documentário “*O que mudou nos últimos cinco anos*”, produzido pela HOTWords; programa de debate “*Olhares*”, sobre a temática “Um olhar contemporâneo sobre o mito da caverna”, produzido pela Ulbra, Del e Editora IBPEX.

Para compor o segundo grupo focal, compareceram nove alunos do Curso de Design, da Escola de Arquitetura e Design. Foram apresentados aos alunos três vídeos previamente selecionados: o documentário “*O que mudou nos últimos cinco anos*”; “*Conversas de Valor*”, produzido pela Sustentare, Escola de Negócios, cujo tema abordado foi Design, Cultura e Sociedade pelo professor Ericson Luiz Straub; “*Inovação centrada no usuário*”, produzido pelo Hemisfério Criativo com o professor Erico Filomeno.

Participaram do terceiro grupo focal, 11 alunos do Curso de Marketing, da Escola de Negócios. Nesse grupo focal também foram veiculadas três mídias audiovisuais previamente selecionadas: um documentário, “*A história das coisas*”, produzido pela Tides Foundation de Annie Leonard; uma entrevista com Philip Kotler, produzida pela Management TV; e uma narrativa em formato de videoaula intitulada “*Os 8Ps do Marketing Digital*”.

No sentido de facilitar a leitura dos três grupos focais realizados durante a pesquisa, apresenta-se a seguir um cruzamento das respostas dos grupos de forma sintética e analítica.



Utilizei como um dos critérios de análise dos grupos focais a identificação dos **aspectos relacionados ao processo de aprendizagem por meio de mídias – Parâmetro 1**, que apontou o seguinte resultado:

- os alunos **buscam diferentes mídias** para complementar o que veem em sala de aula;
- **todos os alunos** entrevistados nos três grupos afirmam que os vídeos **auxiliam na aprendizagem**;
- foi apontado também que há a **necessidade de recursos específicos** que auxiliem essa aprendizagem;
- os alunos realizam essa **busca espontaneamente**, ou seja, não precisam da indicação do professor;
- a busca de materiais semelhantes foi justificada nos três grupos pelos seguintes aspectos: **visualização, e complementar o estudo**.

Observo pelas constatações acima a importância da relação imagética e textual como forma de aprendizagem, em que o vídeo é um complemento e que está disponível na rede. Pelas declarações dos alunos, foi possível perceber que existem recursos específicos em termos de linguagem que vão auxiliar nesse processo e que eles percebem isso quando visualizam os materiais.

Nesse sentido, a linguagem configura-se como um importante sistema de mediação no contexto da aprendizagem. O conceito de Ferrés (1998) em relação à terminologia “vídeo” e sua classificação, em videolição, videoapoio, videoprocesso e videointerativo, ainda são atuais, mas

hoje se apresentam muito mais interligadas, não permitindo uma barreira rígida entre os conceitos e suas utilizações. Trata-se do hibridismo de forma, proposto por Machado (2000).

A mídia audiovisual está inserida dentro e fora das universidades e se apresenta na perspectiva da hipermídia em que os alunos fazem conexão em meio a conteúdos de mídias dispersos. Segundo explicação de Levy (1999), esse fenômeno potencializa o movimento geral de digitalização em que várias mídias se integram em uma única interface para transmitir uma mensagem comum. Pode-se dizer também que é a aproximação entre as mídias massivas e pós-massivas (Lemos, 2004).

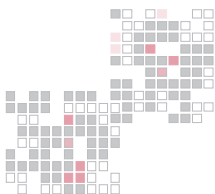
A respeito do **formato e da natureza dos vídeos – Parâmetro 2**, pode-se considerar:

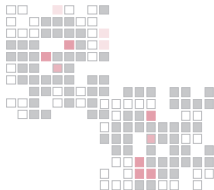
- os alunos dos grupos de Jornalismo e Design têm preferência pelo **gênero documental** e atribuem a preferência a diferentes critérios. (quadro 4 e 5)
- os alunos citam como pontos negativos apresentados em vídeos utilizados para aprendizagem: **material monótono, vídeos longos**;
- para seleção dos vídeos que assistiram para aprender, os critérios que aparecem mais frequentemente nos três grupos realizados são: **qualidade de imagem, dinamismo e interatividade**.

Quadro 4 - Argumentos que definem a preferência pelo Documentário Grupo Focal Comunicação Social – Jornalismo

Argumentos
Atrativo
Melhor ilustrado
Mais informação
Linguagem jovem
Linguagem acessível

Fonte: Própria autora.





sempre é novidade.

Assim, os alunos dos grupos de Jornalismo e de Design apontam que a função do professor é um “indicador” do

Quadro 5 - Argumentos que definem a preferência pelo Documentário Grupo Focal Design	
Argumentos	
Tempo	
Quantidade de conteúdo	
Qualidade de imagem	

Fonte: Própria autora.

Diante das falas dos alunos referentes ao formato dos vídeos, constatei que, embora a seleção de materiais utilizados para fins educativos não seja feita por seus formatos, esses gêneros audiovisuais são importantes no que se referem à forma como os conteúdos serão apresentados. Segundo Ferrés (1998), cada meio, devido a sua configuração tecnológica, tende a privilegiar alguns conteúdos e a recusar outros.

Indo além dos meios, na concepção de vídeos disponíveis em rede que tendem a ser cada vez mais convergentes, há a necessidade de uma nova forma de pensar a distribuição do conteúdo digital que envolve qualidade técnica e linguagem mediatizada.

Quanto à **utilização das mídias – Parâmetro 3**, que envolvem métodos e fontes de busca, verificou-se que:

- a plataforma **YouTube** foi mencionada em **todos** os grupos;
- os professores do curso de Jornalismo e do curso de Design fazem essa indicação de vídeos para que sejam visualizados pelos alunos; já os professores de Marketing indicam mais livros e textos;
- em dois grupos focais surgiram apontamentos bem interessantes sobre a utilização dos vídeos pelos professores: para os alunos, o material apresentado pelo professor nem

processo. O acesso aos vídeos está liberado, pois estes em sua maioria estão disponíveis na rede, mas cabe ao professor a “indicação do olhar”, o que fazer com o conteúdo nele apresentado.

Ao analisar a fala dos alunos, inferi também que o professor tem que assumir o papel de mediador. A mediação pedagógica vai além do domínio técnico, mas, como afirma Masetto (2000), refere-se à atitude, à conduta do professor que se coloca como um facilitador da aprendizagem, que incentiva e motiva processos colaborativos.

Em relação ao **Parâmetro 4**, que envolve a análise dos tipos de conteúdo dos vídeos, no que se refere à qualidade do material os alunos dos três grupos focais elencaram os critérios, organizados nos quadros abaixo, que consideram mais importantes num vídeo que será utilizado para aprendizagem, independentemente do formato, área de conhecimento e veiculação:

**Quadro 6 - Critérios para seleção de vídeos para aprendizagem
Grupo focal Comunicação Social - Jornalismo**

1 Qualidade de imagem	5 Profundidade
2 Qualidade de som	6 Dinamismo
3 Proximidade	7 Interatividade
4 Acessibilidade	8 Duração

Fonte: Própria autora.

Podemos observar, pelos quadros acima, que o critério utilizado para seleção dos vídeos envolve diferentes conceitos, tanto no que se refere à qualidade técnica quanto à qualidade do conteúdo.

Quadro 7 - Critérios para seleção de vídeos utilizados para aprendizagem Grupo focal Design

Ordenação	Critérios
1	Credibilidade
2	Visualizações
3	Texto de acompanhamento

Fonte: Própria autora.

Quadro 8 - Critérios para seleção de vídeos utilizados para aprendizagem Grupo Focal Marketing

Critérios
Dinamismo
Qualidade de imagem
Interatividade

Fonte: Própria autora.

Percebe-se nesse sentido que a qualidade está longe de ser um atributo de consenso. Pelos critérios expostos pelos alunos é possível afirmar que a qualidade envolve uma competência para exploração de recursos e linguagem em uma direção inovadora, com abordagem estética e que, sobretudo, estimule a participação e a construção de fluxos em diferentes narrativas.

6. Considerações finais

À medida que as tecnologias digitais se expandem surgem novas linguagens de mídias que se somam e se compõem em diferentes narrativas. Nesse processo, o aluno é convidado a fazer associações em meio a conteúdos de mídia dispersos, tornando cada vez mais visíveis as práticas comunicativas presentes no ensino e o seu papel como ser ativo no processo de aprendizagem.

Observamos que as mídias audiovisuais estão cada vez mais presentes no cenário educacional, sendo levadas para a sala de aula pelos profes-

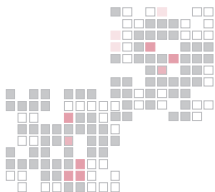
res e indicadas como fonte. São também pesquisadas por iniciativa própria dos alunos, a geração tutorial, que encontra nos vídeos de “como fazer” o recurso para dirimir dúvidas e curiosidades.

O que possibilitou essa maior utilização dos vídeos foi a plataforma YouTube, que ampliou o repositório de conteúdo aberto permitindo acesso livre a estudantes e professores. O que ficou claro por meio da pesquisa é que o vídeo contribui sim para o processo de aprendizagem do estudante universitário. O que acontece, no entanto, é que em muitos casos essa utilização ainda encontra-se aliada aos critérios de aprendizagem linear, em uma abordagem tradicional. Para romper esse paradigma é necessário pensar na mediação pedagógica, na perspectiva do ciberespaço que envolve a aprendizagem no influxo digital.

A pesquisa mostrou sua relevância uma vez que buscou conhecer as opiniões dos alunos como receptores, produtores, usuários de mídia e também foi importante para entender como esse jovem aprende hoje por meio dos vídeos no contexto do ciberespaço.

Pelos dados coletados ao longo das entrevistas, entendo que há a necessidade de uma integração maior entre o meio, a mensagem, a linguagem e a recepção, e esse processo vai se dar na mediação de informações e do conhecimento. É esse processo de fluxo que vai contribuir para a aprendizagem do estudante do Ensino Superior.

O vídeo, utilizado nesta pesquisa como sinônimo de mídias audiovisuais, é um forte aliado nesse processo e passa por mudanças para ser disponibilizado em diversas plataformas. As diferentes possibilidades de utilizações que o vídeo passa a ter ao longo dos anos traz para os dias atuais a necessidade de tornar as narrativas mais convergentes. As características que as mídias têm que apresentar para que sejam efetivas no processo



de aprendizagem devem passar pela: escolha do formato da mídia, a forma como será utilizada e a qualidade da sua produção. Desta forma a mídia utilizada para fins educativos precisa estar alicerçada em três conceitos principais: assimilação, descentralização e coparticipação.

A assimilação refere-se à forma como as pessoas conseguem captar e obter informações para incorporá-las aos conceitos já adquiridos. A descentralização refere-se à ruptura de uma única fonte de emissão e um único sentido, ou seja, permite que as pessoas e os grupos descubram a natureza de sua relação com aquele conteúdo e a partir daí possam atribuir sentido ao que recebem. E a coparticipação significa uma participa-

ção conjunta da recepção, entendida como usuário, que envolve um convite para que se apodere da linguagem e do processo de produção.

Nesta pesquisa ficou clara a importância desses três conceitos fazerem parte de todo o planejamento do professor ao utilizar uma mídia audiovisual e os impactos positivos ou negativos que produzem no processo de ensino-aprendizagem de acordo com a maior ou menor eficiência, respectivamente, com que forem desenvolvidos. Pesquisas futuras poderão se dedicar a investigar cada um desses conceitos, assimilação, descentralização e coparticipação, mais a fundo e sua interferência em outros grupos discentes, além dos estudantes universitários, aqui citados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. *Teleeducação ou educação a distância: fundamentos e métodos*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana M. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.127-155.
- GOZER, M. S.; SOUZA, S. T.; MALLMAN, F. I. S. As mídias audiovisuais e a sua utilização na educação. In: Congresso Nacional de Educação Educere, 6, 2013. *Anais...* Curitiba: Editora Champagnat, 2013.
- LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Coleção Cibercultura 2ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MASETTO, Marcos. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos. T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000, p.133-173.
- MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n.2, p.27-35, jan-abr, 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2013.
- SANTAELLA, Lúcia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson O.; COSTA, Maria Cristina C. (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p.13-30.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- SOUZA, Suyanne Tolentino de. *Ensino-aprendizagem na cibercultura: a mediação pedagógica da modalidade vídeo na educação superior*. 289f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.
- SOUZA, S. T., et al. *Jornalismo laboratório: televisão*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

Recebimento: 30/03/2017
Aprovação: 20/06/2017

